

# ○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

## Editorial

Por esta época o fenómeno social mais em evidência na nossa terra é a estadia dos banhistas e, dadas as aparências, nós interrogámo-nos se actualmente eles existem em maior número do que há anos atrás. Cremos que a resposta é amplamente afirmativa. No entanto, se quisermos saber se a afluência de veraneantes nos meses de verão, na terra fangueira, tem acompanhado o ritmo de outras freguesias, como é o caso de Apúlia e Marinhas, a resposta também não oferece dúvidas. A cota de assiduidade naquelas zonas é maior do que em Fão. Muito mais mesmo. E porquê?

Em primeiro lugar o campismo selvagem está proibido, e muito bem, na vila de Fão, ao contrário do que acontece

## O futuro na mão dos fangueiros

fora da terra. Este factor pesa. Existem ainda uns focos lá para os lados da Bonança que têm de ser considerados. Já viram o lixo e a porcaria que aquela gente deixa ali?

Depois temos o preço das casas. Em Agosto qualquer família não paga menos de setenta contos. Ora, os banhistas de Fão possuem normalmente uma certa desenvoltura social e essa desenvoltura leva-os a sonhar alto, que o mesmo é dizer, leva-os a lançar a vista para os Algarves ou para a estranja, amparados por este raciocínio: por setenta contos, fora a comida, então vou para o sul de Espanha ou para Albufeira. Alguns vão mesmo, embora depois murmurem para os seus botões que não há terra como Fão.

Está a verificar-se até um fenómeno curioso, é verdade que já repetido em outras eras. Muitas famílias alugam aqui barraca, tomam o seu banhinho, iodizam-se nas fulvas areias da nossa praia (lindo!) mas vão comer e dormir a casa. Só assim se explica que este ano tivesse aumentado o número de barracas em Agosto (mais dez, na parte norte) e esse aumento não se tornasse visível no centro de Fão.

Para verificar se há mais ou menos gente, seria necessário recorrer-se à estatística comercial, mas se nós formos

(Continua na pág. 2)

## O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

### ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA (O Regada)

Para os adolescentes de Fão havia outrora um conjunto de pessoas ilustres, pessoas de respeito cujo nome os conterrâneos pronunciavam com certa reverência. Essa galeria avultava noutros tempos, pois estamos certo, embora nos falte a vivência comprovativa, que no universo infantil dos dias de hoje não moram esses fantasmas carismáticos, quais nêmes protectores da gente



local. Será que actualmente não existem homens importantes capazes de impressionar mentalidades juvenis ou a diferença etária entre grupos humanos não é já por si um factor de admiração

e distanciamento como acontecia em tempos recuados? Parece com efeito que as pessoas hoje estão mais perto uma das outras e só um caso muito excepcional poderá impressionar.

No mundo da nossa meninice que começa já a distanciar-se, o senhor Regada era uma dessas pessoas importantes. O seu nome vinha até nós envolto num halo de consideração e de força, pois dizia-se em casa que ele tinha acabado com o velho uso de as mulheres de Fão, sobretudo das Pedreiras, andarem com uma saia pela cabeça. Contratou — os pormenores foram-nos descritos por sua filha Catarina e pelo neto, dr. Armando Faria — um rapaz para o tambor e outro para a tabuleta onde se lia «Fora a saia» e todos, o Regada também de saia à cabeça, iam esperar o povo à saída da missa.

«Fora a saia» e «fora o ó». É verdade. Ele também se insurgia contra o costume de os conterrâneos pronunciarem por tudo e por nada um ó de espanto. «Oh dia!» «Óóóóó!» Fora o ó, pois. E o certo é que a campanha foi tão persistente que as pessoas se deixaram destes adesivos.

(Continua na pág. 5)

## Homenagem a um grande Operador Turístico

(RECEBIDO DA CÂMARA)



Como espaço não poluído do país real e dotado de condições naturais excelentes, o concelho de Esposende deve e merece ser exportado em termos de turismo.

Tem sido intenção desta Câmara Municipal procurar promover esta zona de tentar despertar nalguns espíritos o aproveitamento das potencialidades que lhe estão adjacentes.

O nosso esforço visa, no essencial, o desenvolvimento sócio — económico das populações, na perspectiva de criação de melhores condições de vida e, por arrastamento, a melhoria gradual do acolhimento daqueles que nos visitam.

Nesse sentido esta autarquia pugnou pela sua integração na Comissão Regional de Turismo do Alto Minho (Costa Verde) e tem vindo, com ajuda desta, há uns tempos a

(Continua na pág. 4)

## EDITORIAL

(continuado da pág. 1)

perguntar a um grossista, o Carvalho, por exemplo, que tal foi a moenga, ouvimos logo um choradinho de cortar a alma e ficamos sem saber aquilo que pretendíamos. Também poderíamos utilizar os dados fornecidos pelo Grupo dos Amigos de Fão, mas aí a aparência é também ilusória, pois pareceu-nos ver ali menos gente, pese muito embora o optimismo dinâmico do dr. Carvalho. O caso é que as famílias hoje não saem tanto à noite como em tempos idos. O fenómeno verifica-se com mais evidência nos cafés das cidades, hoje muito às moscas, na fase nocturna. Os lares proporcionam certo conforto, existem divans, whisky, a Brigada de Hill Street, telenovelas, etc., e as pessoas empantufam-se mais cedo. Este fenómeno levamos a pensar que em Fão anda menos gente, mas isso significa que existam menos pessoas a veranear?

Outra explicação seria de aduzir. Actualmente falta sentido de grupo aos nossos banhistas. Dantes a colónia balnear (há quem não goste desta expressão) cabia toda no salão do Clube Fãozense, mas apesar disso, desse pequeno número, a vila enchia-se de movimento, de alegria, de iniciativas. Hoje sem dúvida que são muitos mais, mas não preenchem tanto a terra. Até parece que são menos. É também verdade que os jovens de outrora, os Madureiras, Mouras, Malafaias e outros envelheceram, isto é, já não são tão novos e as recentes fornadas já crescem num condicionalismo «mesológicos» diferente (automóveis, discotecas, televisão), que não permitem o espírito de corpo, a coesão de outrora.

No entanto, repetimos, a colónia balnear de Fão não acusa os índices de crescimento verificados noutras paragens. Não falamos aqui do movimento dos hotéis que este ano conheceu um «boom» excepcional graças a um homem cujo nome os fangueiros devem começar a fixar: Rob Kasper Lighthart. (Ver notícia noutra local). Reservamo-nos para posteriores comentários acerca deste caso.

Como aumentar os veraneantes da nossa praia? Entendemos que se torna imperioso a criação de mais um parque de campismo ou o alargamento para o triplo do actual. Importa ainda aumentar o parque habitacional com quartos de alugar independentes e racionalizar os preços. Será também importante ti-

picizar a terra, manter a traça das suas casas e criar outras fontes de distração. A este propósito, ninguém pensou ainda criar em Fão uma tasquinha fina, coisa snob, onde o cliente se sentisse cómoda e regionalmente instalado? Era dinheiro em caixa.

Concluindo: Só os fangueiros têm o futuro nas mãos.

### Não lixe o rio com o lixo

A Brigada Ecológica de Fão voltou a actuar. O fenómeno verifica-se todos os anos no verão na altura em que o arq. português Pádua Ramos vem passar as suas férias à vila fangueira. Não sendo natural de Fão, afeiçoou-se a esta vila, conhece os miúdos pelos seus próprios nomes, mobiliza-os, entusiasma-os, interessa-os e todos os dias, de manhã e de tarde, a Brigada actua com força, com vontade e com fé. Fé de que os fangueiros ao fim de tantos anos seguidos a verem-nos a limparem as margens e a desentulharem o leito do Cávado, desistam de o conspurcar nos restantes meses do ano.

«Bem isto agora está melhor», desabou o arquitecto. Não há dúvida que a sujidade não é tão grande mas são longos anos de tradição de fazerem do rio a colocação por excelência da terra que vai ainda levar muitos outros anos para que as pessoas desistam de lançar nas águas aquilo que poderiam colocar nos contentores, mais próximos das casas do que o rio.

Esta acção da Brigada Ecológica é o melhor e quase o único exemplo de benefício concreto do rio. Há mais pessoas que se confessam amantes ou amantíssimos do Cávado, alguns dizem até que são únicos, há autoridades que reúnem a imprensa, passeiam-se de barco, etc. e tal, mas acções concretas como a que o arquitecto Pádua faz com seus «muchachos» essas sim, são as únicas que conhecemos.

Com este alerta não estamos a pedir que outros façam o mesmo. Estamos sim a querer que outros não façam coisas, não sujem o rio, para evitar que estes actos de limpeza aconteçam.

## Esperança

Quando esse teu olhar,  
Por causa de feridas,  
Se transformar num mar  
De lágrimas doridas.

Quando o teu rosto for  
Um rosto já rugado  
Sem alegria e cor,  
Por causa do pecado.

E quando a tua mão  
For já cadeia forte  
Que te segura ao chão  
Do desespero ou morte.

Quando o sol ãa alegre  
Não tiver alvorada,  
E for noite o teu dia  
Sem brisa perfumada.

Quando a tua existência,  
Se converter num trapo  
E a tua consciência  
Te lembrar um farrapo.

Quando na tua vida,  
A bússola faltar  
E a meta perseguida  
Não possas alcançar.

Enche-te de valor,  
E nesse imundo charco  
Constrói com todo o amor  
O teu pequeno barco.

E navega animado,  
Bem dentro do porão  
E atraca confiado  
No calis do coração.

Então na noite escura,  
Nascerá um luar,  
A âncora segura  
Que te há-de salvar.

Surgirá a bonança  
Do teu amanhecer,  
E terás o esperança  
De na vida vencer.

DINIS DE VILARELHO



O descanso desejado...

**HOTEL DO PINHAL** ★★☆☆

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE — TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857  
(nova Gerência pelos proprietários)



Contacte-nos directamente ou através do seu agente de viagens.



**UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES**

estamos a construir um banco do futuro

# PRÉMIO PROF. PIO RODRIGUES

No dia 18 de Agosto realizou-se em Fão o dia do doce. Pensávamos ocupar dois dias mas não chegou a ser preciso. Os bolos venderam-se todos e não chegavam no dia 18.

Foi para nós motivo de muita alegria verificar a adesão da gente fangueira a esta iniciativa. Ninguém se recusou a fazer os bolos ou doces pedidos e também as compras ultrapassaram as medidas. Foram muitas as pessoas que compraram o ofereceram doces. Traziam uns e levavam outros. Cremos que esta componente fidalga da gente de Fão é uma característica muito destacável e peculiar que em vários e específicos momentos se manifesta. Ao falarmos em gente de Fão, queremos referir igualmente os banhistas de longa data no meio que se interessam e vivem os problemas de Fão, têm já vivência fangueira. Deram exemplo excelente de generosidade. Generosidade ou bairrismo? As duas coisas juntas.

Os colaboradores de «O Novo Fangueiro» disseram «presente» com força. O eng. Adelino Carvalho do Vale deu uma preciosa ajuda. Os seus «panos» estavam muito bem desenhados. A Blnográfica da

Póvoa mais uma vez colaborou gentilmente.

Recebemos algumas participações em dinheiro para suprir ou o bolo que ficou estragado, ou o doce que se comeu (estava tão bem feito!) ou a impossibilidade de o fazer.

Ainda nos últimos dias uma senhora a quem atrevidamente (nunca lhe tínhamos falado) solicitáramos um bolo para o dia 18, nos entregou um envelope com três mil escudos.

Não publicamos o nome dos dadores de numerário porque cometeríamos uma injustiça para os dadores de bolos.

Queremos no entanto dizer que comprámos mais um Bilhete de Tesouro de 60 contos.

Recebemos entretanto as ofertas dos antigos alunos:

Maximino Neto, 1.500\$00; Dr. Rui Agonia Pereira, 1.000\$00; José Ramos da Silva, 1.000\$00.

Pensávamos fazer uma noite fangueira ainda durante o mês de Setembro. Por conselho e sugestão de pessoas amigas, vamos adiar mais para a frente, para não cansar.

## FÃO

Pinhal verdinho,  
Minha doce vila.  
Recanto do Minho  
— Pastéis de Chila.

Ver-te com emoção,  
Prémio ansiado.  
Caminhar em Fão,  
Sonho realizado.

A fria nortada,  
Que do cávado vem  
Nem mesmo notada  
E agrada também.

Bandos de gaivotas  
Com suave plo,  
Por verdes ilhotas  
Ao longo do rio.

O gordo gado  
Pasta mansamente  
Até que a maré  
Suba novamente.

O Senhor Bom Jesus,  
Misericórdia, Clarinhas,  
A viela da Cruz  
Pedreiras, Alminhas.

JOSÉ DOS REIS QUINTAS

## Fangueiros na Póvoa de Varzim do séc. XVI

Tendo já dado a conhecer em edição anterior, a identidade dos Fangueiros que emigraram para a Póvoa no séc. XVIII e XIX, venho dar notícia dos «fangueiros» emigrados no séc. XVI.

Destes, destacamos Gomes Pires de Fão, com a profissão de marinheiro, que casou na Póvoa em 2/4/1560 com Filipa André. Foi testemunha deste casamento, Francisco Alvares de Fão, aqui residente.

Seguem-se outros fangueiros que passamos a mencionar:

Fruitoso António c/c Margarida Lúis; Lourenço Dias c/c Maria Alvares; Amador Fernandes c/c Isabel Rodrigues; Gaspar Gonçalves c/c Antónia Machado; João Martins c/c Ana Fernandes; André Pires c/c Maria Fernandes; Manuel Pires c/c Maria Fernandes; Manuel Pires c/c Maria Brás; Simão Pires c/c Maria Gonçalves; Manuel Monteiro c/c Antónia Machado.

Curiosamente, os patronímicos destes «fangueiros» não prevaleceram na população poveira, dado que a partir do final do séc. XVII foi intensificada a apropriação de um apelido, que passou a ser transmissível até ao presente.

## Um marinheiro fangueiro do séc. XV

Ao consultar «uma fonte para a exploração galega da segunda metade do séc. XV — El Peatge de Mar de Valência» publicado por Elisa Maria Ferreira Priegue, editado pela Universida-

de de Santiago de Compostela, em 1948, encontrei na pág. 34 notícias de um fangueiro a navegar na costa do sul de Espanha.

Assim, em 1451 aparece nesta região uma caravela de Viana do Castelo, pertencente a Diogo Gonçalves, em que um membro da tripulação é designado por João de Fão.

Nesta embarcação havia tripulantes de outras origens: Viana, Porto, Caminha, Vila do Conde e da Galiza.

Oscar Fangueiro

## Coral da Matriz na televisão

Foi no domingo. O grupo coral de Fão, sob a regência do Maestro Faria Borda, actuou de novo na missa de domingo transmitida pela televisão. A população local sabia do acontecimento e na sua maior parte recolheu a suas casas para presenciar o espectáculo televisivo.

Estávamos acidentalmente na vila concelhia, mas a nosso pedido a televisão foi aberta e vimos com muito agrado, a actuação da nossa gente. Muito bem ensaiados, sim senhor, muito certinhos foi um regalo ouvi-los.

A novidade desta vez é que o Rev. Ave-lino Borda foi um dos acolizantes. A homilia foi lida pela coralista M. José Evangelista. O Joaquim Neves teve um solo irrepreensível, voz profunda, harmoniosa, sem falhas, e os sopranos, Dr.<sup>a</sup> Fernanda Borda e Lulu Pereira exibiram-se com muita segurança, voz melodiosamente rica, embora a serenidade da Dr.<sup>a</sup> Fernanda contrastasse com uma certa tensão verificada na Lulu. Mas ambas muito bem.

De resto o êxito era esperado pois, como dizia a senhora situada perto de nós, «com aquele P.<sup>o</sup> Borda, até as pedras cantam».

Sans rancune,, Reverendo.

## Aumente o seu COLESTEROL I

Mais um mês se passou e aqui estamos de novo para a habitual tentativa de contribuir para a subidazinha do colesterol. Para isso, aqui vão estas receitas, esperando que alcancem esse objectivo:

### POLVO DE FRICASSÉ

Amanham-se polvos frescos, de tamanho pequeno, cortam-se depois aos bocadinhos e cozem-se.

A parte, faz-se um refogado com cebola picada, azeite, manteiga,, salsa picada e pimenta.

Quando o refogado está pronto, coa-se e volta a deltar-se na caçarola onde foi feito, acrescentando um pouco da água de cozer o polvo e deltando nesse refogado o polvo, deixa-se levantar fervura.

Depois tira-se do lume, deixa-se arrefecer, juntam-se-lhe gemas de ovos batidas com salsa picada.

Vai de novo ao lume até cozer as gemas, tempera-se com sumo de limão e serve-se em prato coberto.

E agora uns bolinhos saborosos para a merenda:

### CALADINHOS

Farinha de trigo — meio quilo.

Açúcar — meio quilo.

Gemas de ovos — 8.

Ovos inteiros, 2.

Bicarbonato de sódio — 1 colher e meia das de chá.

Misturam-se todos os ingredientes e bate-se até empolar.

A seguir, formam-se os bolinhos que vão ao forno em tabuleiro untado com manteiga e polvilhado com farinha.

Simplex e bons, muito apropriados para regalo do colesterol...

E por hoje despedimo-nos, até ao mês que vem, se Deus quiser.

Tia Mariquinhas



# António José da Costa (o Regada)

(continuado da pág. 1)

Agora o que nós ignorávamos é que o Sr. Regada tivesse sido o 1.º Comandante dos Bombeiros de Fão, pois Regada e António José da Costa eram uma e a mesma pessoa. Como aconteceu isso? O Regada, não sendo bombeiro, pois não havia corporação, era o primeiro a chegar ao local dos incêndios sempre que o sino tocava a rebate. Ia munido de uma escada, a mais alta da freguesia, e foi essa costumada solicitude, um espírito de abnegação, que o guindaram consensualmente ao posto de comandante, logo que a corporação foi fundada, a seguir a um incêndio em casa do Simões.

A primeira escola funcionou na sua própria casa, ali onde o Armando Gageiro têm um estabelecimento. O carro era de mão, uma carreta, e quem vinha dar instruções era um bombeiro da Póvoa que se deslocava de bicicleta, uma vez por semana.

António José da Costa nasceu em 1857 em Fão, mas tinha costela apuliense, pois era descendente dos Regadas de Apúlia. Muito cedo, teria uns doze anos, tornou-se embarcado, começou como grumete e acabou em comandante da Marinha Mercante Brasileira ao serviço da Empresa Loyd. A sua escola foi sempre o mar. Como andava sempre embarcado, só de espaços a espaços vinha à terra, mas vinha sempre que podia. Ligado a essa intervação, não resistimos a contar a história do seu noivado. Numa das suas viagens à terra natal o António José ficou noivo de uma jovem fangueira e o casamento aprou-se para daí a dois anos. Naquele tempo, porém, era arriscado um marinheiro tomar qualquer compromisso temporal, pois um navio podia seguir daqui para o Brasil com plano de retorno imediato, mas, chegado lá, surgiam novas ordens para seguir para a América, etc., e a viagem, que inicialmente teria uma duração de um ou dois anos, podia durar três ou quatro. Foi isso que aconteceu ao jovem marinheiro que, tendo-se comprometido com a noiva a casar dentro de dois anos, só ao fim de quatro almejou fazer a viagem de retorno. Nessa altura já a sua Dulcineia estava noiva de outro com casamento aprouado para daí a dias.

O povo de Fão ficou alarmado e suspenso: como reagiria o Regada? Da melhor maneira possível. Chegou, ouviu a triste nova, que se há-de fazer?, e com um *faire play* extraordinário foi cumprimentar os noivos e aceitou muito gostosamente o convite que na altura lhe fizeram para assistir à boda. Apareceu no casamento muito catita, abraçou todo o mundo, divertiu-se à grande e, finda a comezaina, retirou-se como os demais.

Os noivos naquele tempo raro saíam em lua de mel e, em chegando a noite, subiam para o seu quarto como qualquer casal. Bem, como qualquer casal não seria mesmo. Digamos que mais apressados que o comum dos casais. Passado algum tempo, grande alarido se ouve em casa dos pais da noiva, com os nubentes enfiados nos camisas da época, cá em baixo, a coçar-se e a berrar como desalmados. O que é que foi, o que é que não foi, as pessoas subiram lá acima para revistar a cama dos pombinhos. Os lençóis estavam carregados de pó de mico, o que dá uma coceira dos raios (a expressão é do dr. Armando Faria). Quem seria o autor da partida? Só podia ser o ex-noivo repudiado.

Temos já referido que naquele tempo a gente era mais alegre, vivia mais em festas e o povo de Fão dava-se a grandes cantorias. A romagem à Senhora do Lago era uma festa de arromba. Todos os barcos se embandeiravam no 1.º domingo de Agosto e seguiam para a Barca do Lago para um «comes e bebes» a preceito. Finda a romaria, organizava-se o regresso com a barca da Família Borda a servir de navio proa e ao mesmo tempo de tablado de dança ao som da orquestra constituída pelo Ernestino, Manuel Penetra, Fonseca, Turra e outros. Remava-se depois até casa do Regada, onde se seguia o «n-terro dos ossos», com uma seenata pelo meio.

Enquadrado neste *modus vivendi* próprio de Fão naquele tempo, avulta um outro episódio que muitos fangueiros ainda hoje recordam com grandes risadas. Foi num Carnaval. Como era tradição, saíam figurantes para a rua com as mais originais fantasias. De que se lembrou o Comandante? Albarudou um gerico igual aos que se utilizavam naquele tempo para vender queijo. Em cima do borrego colocou um miúdo de cócoras, em topless ao contrário, tudo coberto com uma manta como faziam os verdadeiros queijeiros. De modo que quando uma pacata cidadã vinha ver e apreçar o queijo, o vendedor (exactamente o Regada muito bem disfarçado) destampava a mercadoria e a varada senhora sacudia-se de susto e de espanto, pois em lugar de um requeijão aparecia-lhe o «sim senhor» dum malandrete qualquer. Este caso deu brado, perpetuou-se e ajudou a fazer carismo.

Era ainda um esmoler por excelência. Se alguém lhe batia à porta na hora de comer, ou subia e compartilhava da refeição, ou levava sempre qualquer coisa na sacola. De mãos a abanar é que não ficava. A sua casa, mais propriamente uma salinha, funcionava como escritório de advogado, de solicitador, de conselheiro, de escrevinhador e leitor da

maior parte das cartas que então circulavam entre Fão e o Brasil.

Em 1936, cremos que foi nesta data, a sua fortuna, se se pode falar em fortuna, ficou bastante abalada com o caso dos títulos que afectou outros «brasileiros» de Fão e de mais terras de Portugal. Toda a gente que juntara um dinheirinho na banda de lá comprava títulos, ou melhor «papéis», como se dizia e ainda hoje se diz e, em chegando a hora da aposentação, vinha para a terra, alicerçado na reforma e nos pingues dividendos proporcionados pelos títulos. Só que o Governo Brasileiro verificou a certa altura (1936?) que a saída de juros provocava uma autêntica hemorragia no erário público e então determinou que apenas tinham direito à cobrança dos cupões os titulares que moravam lá. Houve protestos, naturalmente que houve, mas o certo é que a torneirinha fechou-se e muitas famílias de Fão ficaram na miséria, sobretudo na miséria envergonhada.

O caso também abalou o nosso conterrâneo, mas não lhe amorteceu o seu permanente afã em bem servir a terra.

O último barco que se construiu em Fão, o Fangueiro, segundo nos asseveraram os seus familiares, ainda foi o Comandante Regada quem o levou para o Brasil, apesar de estar na reforma, pois tinha sido encomendado pelos Veigas que moravam lá.

António José da Costa, o 1.º Comandante dos Bombeiros de Fão, Comandante da Marinha Mercante Brasileira, homem de prestígio na nossa terra, morreu em 22 de Janeiro de 1943 com 86 anos.

## Valas e Valetas

*Há uns meses atrás a Câmara Municipal de Esposende procedeu à abertura de valas nas ruas de Fão para colocação das condutas do saneamento. A recomposição da calçada ficou mais ou menos. Agora as Telecomunicações voltaram a esburacar de novo as ruas para introdução de uma rede subterrânea do sistema telefónico. O modo como as pedras são repostas é de bradar aos céus.*

*Para nós torna-se chocante que dois organismos oficiais não sejam capazes de coordenarem as suas acções de modo a efectuarem as mesmas obras em conjunto. Evitava-se perda de tempo, poupava-se muito dinheirinho e sobretudo evitar-se-ia que os utentes, nomeadamente automobilistas e velocípedes, rogassem milhões de pragas por esta dúplice buracaria. Como, porém, a Balança de Transacções nos tem sido favorável, e há maior liquidez nos Bancos, como os dinheiros públicos estão a ser bem controlados, tudo bem, como diz o nosso amigo Sete.*

*Mas deixar as ruas na situação em que ficaram, isso brada aos céus. O Sr. Presidente da Junta, já viu o que estão a fazer a esta terra? Será que os Telefones pensam que nós somos de Alguidar de Cima?*

**CONFERÊNCIA DE IMPRENSA**

**Balanço da «Quinzena de sensibilização para a defesa do Rio Cávado»**

A «Quinzena de Sensibilização para a Defesa do Rio Cávado» foi organizada pelo Centro de Animação Cultural «ESPAÇO LIVRE».

O «ESPAÇO LIVRE» surgiu recentemente da análise que um grupo de pessoas de várias freguesias do Concelho de Esposende fez à situação cultural do Concelho. Dessa análise concluiu esse grupo de pessoas que, mais que uma nova Colectividade Cultural, Recreativa e Desportiva, se tornava necessária a criação de um organismo que pudesse vir a criar uma nova dinâmica de desenvolvimento cultural do Concelho, chamando as Colectividades existentes a acções comuns, permitindo o desenvolvimento das actividades já prosseguidas por algumas Colectividades e dando novas perspectivas a outras que de certo modo se desviaram dos fins para que foram criadas — o desenvolvimento cultural, desportivo e recreativo dos agregados em que se inserem.

Foi nesse sentido que o «ESPAÇO LIVRE» se abalçou a uma iniciativa tão ambiciosa como a realização da «Quinzena de Sensibilização», que se não foi totalmente conseguida, alcançou os seus objectivos fundamentais:

1. Despertar e dar voz às preocupações latentes nas populações ribeirinhas do Cávado pela vida do Rio a que se encontram intimamente ligadas;

2. Criar uma dinâmica de colaboração entre populações e autarquias dos Concelhos ribeirinhos para a defesa do Rio.

Nesse sentido promoveu o «ESPAÇO LIVRE», com a colaboração da Associação de Ciclo-turismo de Braga, um passeio ciclo-turístico de Braga à Foz do Cávado, passando por Barcelos e Barca do Lago; uma prova de Atletismo — corrida em Estrada — com partida da Freguesia de Marinhas e a terminar em Esposende, junto à Foz. É de realçar que o entusiasmo dos participantes, entre os quais muitos jovens — os levou ainda a fazer o trajecto até Fão.

Promoveu, igualmente um Colóquio sobre os problemas do Rio, realizada na Escola Secundária de Esposende e que, para nós, seria o culminar de todas as acções a desenvolver e já desenvolvidas.

Com uma boa assistência — o que é raro em actividades deste tipo — o Colóquio traduziu-se no equacionar da Vida do Rio e dos perigos iminentes que o ameaçaram.

O dramatismo da situação, traduzido pela quantificação dos agentes poluidores do Rio e pela previsível morte a médio ou longo prazo do Cávado, levou um assistente e participantes a propor a mais ampla divulgação dos números ali apresentados pelo Engenheiro Químico Carlos Alberto Martins.

O Engenheiro Carlos Alberto Martins identificou e depois quantificou os agentes poluidores do Rio:

*Actividades Agro-Industriais:* Pocilgas, Matadouros, Salas de Ordenha; Fertilizantes e Pesticidas.

*Actividades Industriais:* A tradicional indústria Cerâmica e o desregrado desenvolvimento da indústria textil.

A indústria do barro, usa ainda hoje produtos proibidos no resto da Europa, como os compostos de boro e chumbo, que, através das linhas de água acabam por ser introduzidos no Rio. Trata-se de produtos não bio-degradáveis e, portanto, com efeitos cumulativos.

A indústria textil surgiu como a mais perigosa fonte poluidora que, a não serem tomadas medidas, matará o Rio a médio ou longo prazo.

Eis alguns números: 18 tinturarias (em breve serão 20) lançam para o Rio, directamente ou através dos afluentes, e sem qualquer espécie de tratamento, 150 litros por segundo de efluentes; fabricam-se, diariamente, entre 30 e 70 toneladas de fio e a preparação de 1 quilograma de fio traduz-se em 180 litros de efluentes.

Qual a composição desses efluentes?

Detergentes de composição variada — 2,5 a 3 toneladas por dia!

Cloreto de sódio (sal das cozinhas) — 20 a 25 toneladas diárias!

Hipoclorito de sódio (lexívia) — 2,5 a 3 toneladas/dia!

Hidróxido de sódio (sola cáustica) — 1,5 a 2 toneladas/dia!

Peróxido de hidrogénio (água oxigenada) — 2 toneladas!

**Bodas de Ouro**

No mês de Julho celebraram a suas bodas de ouro de casados os nossos amigos António de Barros Peixoto e Albina Dias da Torre.

Não estivemos presente para fazermos um brinde a este simpático casal, mas deste lugar endereçamos os parabéns e fazemos votos para que esta data (do casamento) se repita por longos e saudáveis anos.

**NOVO ESTABELECIMENTO**

No Ramalhão, mais propriamente na R. das Cordas, inaugurou-se um mini-mercado pertencente a Adelino Reis e Maria José Carvalho de Jesus Reis. Chama-se PIP, nome tirado das 1.ªs letras dos três filhos do casal: Pedro, Inês e Paula.

Só desejamos que o Lino seja bem sucedido no empreendimento a que meteu ombros, recomendando-lhe, porém, que venda barato para ganhar mais e não seja careiro para fazer dinheiro depressa.

É uma pecha dos nossos comerciantes venderem coisas muito mais caro, e depois queixam-se que as pessoas gastam de fora.

**PINTO MIGUEL**

**SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS DE CARGAS, LDA.**

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.º — Telefs. 672295 - 672450  
Telex 25181 — 4100 PORTO

**ARMAZENS:**

Rua Roberto Ivens, 903 — Telef. 930647  
4750 MATOSINHOS

**Dicionários EDITORA**

A vasta coleção «Dicionários Editores» acaba de ser enriquecida com a publicação da 6.ª edição do **Dicionário da Língua Portuguesa**.  
Uma obra invulgar para o nosso país, feita em moldes somente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria generalizada, como de especialidade. Etimologia, com muitas das novas palavras de origem e evolução de cada vocábulo, que numeraram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento da sêrie de palavras e locuções estrangeiras.

O Dicionário da Língua Portuguesa — 6.ª edição — é a obra indispensável de consulta de todos os que se interessam por cultura e ciência.  
O Dicionário da Língua Portuguesa — 6.ª edição — é a obra indispensável de consulta de todos os que se interessam por cultura e ciência.

**PINTO EDITORA, LDA.**  
LIVRARIA AZNÁDO, LDA.  
RUA L. FUMENHEZ, 101A

# UMA CHÁVENA DE CAFÉ

por **MARIA ARLETTE S. F.**

*Há dias inaugurou-se um café, pertença duma pastelaria já existente, na praça central, da cidade onde resido.*

*Opiniões divergentes falaram da decoração do café e eu, já adaptada ao mau gosto da maioria dos estabelecimentos destas rondozas, até a achei razoável embora não deixe de reparar no chão escurecido propositadamente para esconder o lixo trazido pela clientela em veraneio. Ou então pelo próprio serviço: falta de guardanapos que isolam as gulodices solicitadas,, falta de*

*limpeza nas mesas e ausência de cinzeiros.*

*Ausência de cinzeiros! Sorri, porque por falta de cinzeiros já me desculpei do meu mau hábito português de atirar a cinza do cigarro para o chão, inclusivé a própria «beata».*

*E isso aconteceu no início deste verão num restaurante típico da ribeira, da velha cidade do Porto. O rapazito que nos servia o jantar, pediu para deixarmos um casal estrangeiro sentar-se à nossa mesa.*

*Depos de ajudarmos a traduzir a ementa portuguesa, começamos a conversar com o casal que rondava pela nossa idade: impressões do país, dos restaurantes, da imprensa e às tantas da própria Ribeira, das suas ruas estreitas... Que achavam estes Belgas?*

*Ah a Ribeira! Falaram dos baldes de água suja que ameaçam cair a todo o instante das janelas superiores nas cabeças dos veraneantes, das crianças ranhosas, dos latões de lixo virados, dos sacos que exalavam maus cheiros. E eu reconhecia que assim era a nossa querida Ribeira. Disse até com um certo cinismo.*

*O Belga olhando-me com estranheza e reparando nos meus gestos mecanizados, muito pertinente, perguntou-me porque estava eu atirando a cinza do cigarro para o chão de tijoleira vermelha.*

*Não me perturbei e respondi sorrindo: — Vê algum cinzeiro neste restaurante?*

\*\*\*\*\*

## Porquê a favor

O acaso, por vezes, é o melhor amigo de quem não é curioso do diz-se-diz-se e corre-corre do dia a dia das conversas de rua e locais de convívio. Traz até nós coisas que andam no ar e das quais não suspeitamos sequer.

Um café que se toma e vezes que chegam até nós abafadas pelo ruído monótono e contínuo do zoar do salão foi o suficiente para ficarmos a saber que Fão pensa ligar o nome do Dr. Alceu Maria Vinha dos Santos a uma das suas ruas, mas que o consenso não é total.

Fão foi sempre generosa para aqueles filhos que, de algum modo contribuíram para o seu desenvolvimento material ou cultural. E não só para com esses, pois em muitas das suas ruas encontramos nomes de pessoas de outras terras originárias, mas que com a sua actividade ajudaram no engrandecimento desta vila.

Não estranhamos, por isso, que mais uma vez, Fão queira perpetuar a memória de quem muito fez pela terra que o viu nascer e morrer.

O dr. Alceu foi fangueiro de nascimento e de coração. Enquanto novo esteve ligado a muitas actividades culturais em que Fão era rica, há algumas dezenas de anos atrás; tornou conhecida a sua terra em meios intelectuais, artísticos e literários fora do coelho que durante muito tempo frequentou; descreveu as suas belezas e costumes em inúmeros artigos espalhados por vários jornais; arrancou do esquecimento algumas das suas belas lendas e tradições antigas; prestou serviços inestimáveis na formação de jovens geralmente pobres e que nesse tempo, dificilmente teriam acesso ao ensino; contribuiu para que Fão, muito antes do 25 de Abril, fosse um modelo de democrático convívio social, raramente encontrado em qualquer outra vila do país.

Muitas razões a favor dessa homenagem simples e a Autarquia Fãoense daria um magnífico exemplo de isenção ideológica ao homenagear a memória de um adversário político que esteve sempre ao serviço da sua terra, ao mesmo tempo que contínuo, tão arraigada nas gentes desta antiga vila de Fão.

V. L.

## «A RATOeira»

No princípio do mês de Julho aconteceu mais uma morte junto à ponte de Fão no local da ex(futura?) exploração de areias. Na verdade, no espaço de três meses dois jovens, um fangueiro e um italiano, morreram afogados naquele local de onde foram retirados bastante tempo depois a cerca de 17 metros de profundidade do leito do rio.

A versão que então circulou foi a de que, nos dois casos, se tratou de congestão. Há que esperar que o resultado das autópsias venha a público para se tirarem conclusões.

Uma coisa é certa! Os fangueiros andam com medo daquela zona do rio, temem pela segurança dos seus familiares e elegem aquela zona como autêntico cemitério de jovens.

As perguntas, essas andam na mente de todos:

Será que a exploração de areias, naquele local, foi bem escolhida? Será que foi feita de acordo com as normas legais e o conteúdo da licença? Será que pertencendo a jurisdição, nesta parte do rio,, à Direcção-Geral de Portos não poderão as autoridades municipais policiar e fiscalizar os locais de extracção?

Quanto à primeira pergunta sempre estivemos em desacordo com uma exploração de areias naquele local. Quanto à segunda só analisando o conteúdo da licença e comparando com os D. Leis n.º 403/82 de 24/9 e 164/84 de 21/5, que regem os critérios da que deve obedecer a extracção de inertes, poderemos dar uma resposta cabal. Quanto à última resulta claro do art. 24.º do DI. 164/84 que as autoridades municipais não só podem fiscalizar a extracção de areias como os titulares das licenças são obrigados a facultar o livre acesso dessas autoridades.

Não nos consta que alguma vez tenha havido qualquer inspecção por parte da C.M.E. àquele local. Pelo menos o Gabinete de Informação da C.M.E. não deu, (como era aliás seu dever) do facto, a devida publicidade. Vamos esperar, no entanto, que a nova Presidente da C. M. de Esposende, Laurentina Torres, leve a cabo uma política de controle mais apertado relativamente à extracção de inertes. É que na verdade não é uma boa imagem turística, para Fão e para o Concelho em geral, a divulgação no estrangeiro desta autêntica ratoeira.

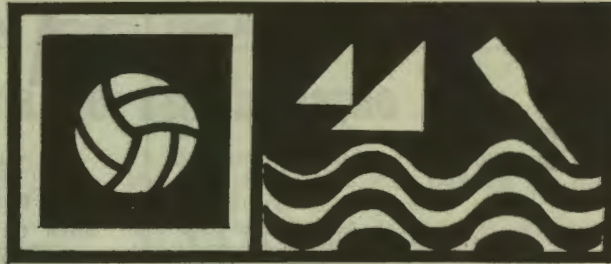
Uma pergunta final. Se a exploração naquele local já terminou porque se mantém o «Bateião» e a «cerca» que mais parece um campo de concentração? Ou será que os responsáveis pela exploração planeiam regressar quando as «águas estiverem menos turvas»?



o que é bom da natureza

J. A. MADUREIRA

# DESPORTO



## FUTEBOL - FUMO BRANCO

Ao fim de seis sessões encontrou-se Direcção. Eis os nomes: Presidente — José Bernardino Gomes do Vale; Vice-Presidente — João Pedras; Secretário — José Manuel Vasalo; 2.º Secretário — António Gomes do Vale; Tesoureiro — Manuel Cardoso; 2.º Tesoureiro — Alberto Alves; Vogais — Manuel Ferreira, Amílcar Cardoso, Rui Gaifém Soares, Manuel Fagundes, Emílio Pedras, Luís Fernando Gonçalves Vaz. Conselho Fiscal: Presidente — Manuel João Carvalho de Matos, José Ferreira Graça e Justino Simões. Assembleia Geral: Presidente — Armando Saraiva; Vice-Presidente — Adelino Saraiva; Vogal — António Carreira.

A coisa parecia a crise do Sporting, mas finalmente foi possível arranjar o João Rocha, cá do sítio, perdão, o Bernardino, para presidir aos destinos do futebol. Trata-se de



José Bernardino Gomes do Vale

uma equipa jovem, dinâmica e coesa que vai dar que falar.

Temos conversado algumas vezes com o Bernardino e confessamos que o seu optimismo é contagiante.

Começamos pelos jogadores: a rapaziada é fixe e tem aderido significativamente. Há ainda uns indecisos que estão a ver em que param as modas, mas «a coisa vai», remata o Bernardino. Temos jogadores de Fão (o Jorge Campos abandonou o futebol), vem sete do Esposende, temos quatro ex-juniiores, e ainda vem alguns jogadores da Póvoa e de Barcelos.

— Ó Bernardino: e como vai ser? o Presidente não tem automóvel...

— Não tem automóvel mas tem lembreta e ela vai a qualquer lado.

- Mas não transporta.
- Aí temos umas ajudas simpáticas. O dr. Carvalho é um gajo porreiro. O Marinho tem ajudado bastante. O Tone Carreira também. E é verdade: aponte aí o Monteiro que tem colaborado connosco.
- Já agora: como vamos de ajudas?
- A Direcção trabalho toda. Os ex-directores Marinho, dr. Carvalho, Ant. Viana e Luís Viana têm ajudado também na reorganização.
- Reorganização?...
- Bem, nós estamos a começar do zero.

## Entre nós

— Tem estado entre nós o coronel da aviação brasileira Edson Campos dos Reis. Não é fangueiro, mas filho de fangueiro e irmão do nosso assinante Carlos Barros Reis, em casa de quem se encontra hospedado.

Como afirmámos acima, não nasceu em Fão mas a sua família, nomeadamente o pai, Amândio Reis, tanto lhe falaram nesta terra que «seu» Edson velo há três anos a Fão ver como ela era. Velo e gostou muito. A prova é que ao fim de três anos voltou de novo. E caso curioso, foi portador para «O Novo Fangueiro» que já costumava ler em casa do seu amigo Amândio Caramalho, como é cara, você vem até cá ou não?, foi portador dizíamos de uns versos feitos por um outro nosso conterrâneo José dos Reis Quintas (noutro local publicados) que apenas com cinco anos abalou para o Brasil e vejamos com que ternura ele fala de Fão. Este jornal, só pela possibilidade que tem de captar e registar estas sensibilidades distantes, bem merece existir e que tenha uma vida longa.

Auguramos uma boa estadia ao coronel Edson e que muito em breve volte até nós.

— Tivemos o prazer de abraçar entre nós o Comandante João Cândido Ramalho, um banhista de costeira fangueira, da chamada belle époque. Velo acompanhado de

Não havia dinheiro em caixa, oficialmente não havia atletas e sócios estávamos reduzidos a 300, e nós já fomos 700.

— E esses 700 vão entrar todos?

— A coisa vai. A coisa vai.

Um problema que aflige as direcções é a falta de uma sede. Há uma aprontada no Ramalhão, no Bairro Social mas o assunto arrasta-se.

— Pois é. As obras vão muito devagar. E eu queria ver se o Luís Viana fazia pressão com o empreiteiro para ver se a obra andava para a frente. (Recado dado).

— Bem, Bernardino, e quanto àquilo com que se compram tremções?

— A coisa vai indo. Com os sócios especiais, já fizemos 120 contos. Estamos a bater agora à porta dos comerciantes. Têm sido simpáticos. Com a sua ajuda (são setenta estabelecimentos em Fão) pode-se criar uma base para que o futebol não viva em sobressalto constante. Temos vários sorteios em vista e penso que pode aparecer uma surpresa que se se concretizar vai ser uma maravilha.

— Que surpresa?

— ? (moita carrasco).

— Quer dizer, Bernardino, que ...

— A coisa vai. A coisa vai.

sua Esposa Denise. Estiveram em casa de seus primos Mitó e Barros Lima e, lançado um SOS, ainda foi possível juntar outros casais compinchas e contemporâneos: Alberto Malafaya e Guida, Álvaro Malafaya e Ana Maria, Luís Nogueira e Soledade, Manuel Parente e M.ª Amália, que percorreram em peregrinação certos locais de outrora.

A convivência foi enorme e o João Cândido e a Denise para o ano são cá uns ferrinhos.

Bonne Voyage, mon comandant.

## Seminário de Agricultura promovido pelo Rotary

Promovido pelo Rotary Clube de Esposende de que é presidente Manuel Cardoso e Silva, vai realizar-se no Hotel do Pinhal, nos dias 8 e 9 de Novembro, um seminário que terá por tema: «A agricultura do concelho face à CEE.

Vão ser tratados temas muito importantes como «Prática de gestão de empresa», «Horticultura: que variedades?», «Cultura de Alfazema em solos pedregosos», «Culturas agrícolas e o seu apoio à agricultura», «Energia agrícola», «Vinho verde: que cartaz?» e outros, estando já assegurada a presença de técnicos de nomeada.

Este seminário é sobretudo dirigido aos lavradores do nosso concelho.

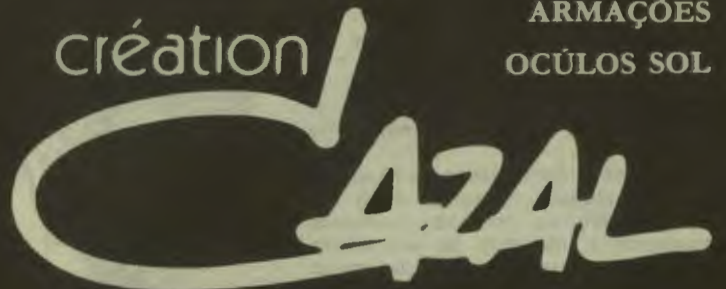
ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, LDA.

- RECEITUÁRIO MÉDICO
- LENTES DE CONTACTO
- APARELHOS DE PRECISÃO

création

ARMAÇÕES  
OCÚLOS SOL





# AS TINTURARIAS ATACAM

«Sou locatário de uma casa no pinhal de Ofir, Fão, onde costumo passar as minhas férias de Verão. Este ano, como de costume, fui para Fão ansioso por desfrutar um pouco de sossego e ar puro, férias a que todos temos direito. Só que, para grande espanto meu, encontro em lugar de um riacho de águas nascentes e fluviais, que corre perto da casa, um riacho de resíduos químicos procedentes de uma tinturaria bem camuflada e sem grande aparato, que os despeja indiscriminadamente. Logo de imediato se começou a sentir os efeitos de tais resíduos, através do mau cheiro que deles exalam, agravando-se pela sua acumulação. Atrás do mau cheiro vieram as moscas e os mosquitos. O poço de onde me abasteço de água para consumo doméstico, que fica perto, logo ficou contaminado, bastando abrir uma torneira para que se sinta o mau cheiro e o grau de contaminação. Como tenho dois filhos ainda crianças, fiquei alarmado, pois a utilização da água trazia, tenho a certeza, problemas para a saúde deles. Tentando utilizar a água para cozinhar, pensando que com a fervura conseguiria obviar ou eliminar os males da água, logo constatei não ser possível, pois o mau gosto da comida só me deixou a alternativa de deitá-la fora.

Como é lógico, tive que atarranjar um meio de conseguir outra água, não tendo outra solução que não fosse, em garrafões, ir buscá-la a um fontanário público. Tal operação passou a repetir-se duas e três vezes por dia, pois a água passou a ser racionada para que não tivesse de ir buscá-la mais vezes ao dia. Pensei que a água que tinha em casa só poderia servir para lavar o carro, mas também me enganei, pois tal água não me lavou o carro, mas antes pelo contrário o sujou ainda mais.

Tal situação levou-me a fazer uma exposição à Delegação de Saúde, apelando para os grandes perigos que a minha saúde e dos meus estava a correr. Parece-me, segundo me informaram, que a Delegação de Saúde de Esposende não se sente com capacidades para o resolver, apelando para a Direcção Regional de Saúde. Eles lá sabem. Mas uma coisa eu sei: o perigo que corremos com tal situação, para além dos inconvenientes e gastos a que me sujeitaram.

Depois de uma exposição meramente pessoal, não poderia deixar de alertar para os perigos ecológicos a que tal situação poderá levar, pois para além do mau cheiro que se espalha no Pinhal de Ofir, tais resíduos vão ter, como muitos outros a montante deste, ao ainda pouco poluído rio Cávado.

Será que isto é um desafio do clube dos poluidores, dos não respeitadores da saúde alheia, ao clube dos ecologistas, defensores da vida?

Veremos quem ganha».

leitor identificado

N. R. — Este nosso leitor tem toda a razão. No caso presente é a sua saúde e a dos seus que está em causa, é o nível frídrico que se contamina, é um Hotel do Pinhal a cheirar mal nas suas cercanias, é o rio Cávado a poluir-se.

## FALECIMENTO

Há dias faleceu num Hospital de Lisboa o nosso conterrâneo e assinante José Barbosa Rodrigues.

Que descanse em paz.

Os nossos sentimentos à família enlutada.

*O certo é que todos se lamentam e ninguém põe cobro a esta pouca vergonha.*

*Há ainda outras tinturarias piratas a funcionar em Fão e a malfadada tinturaria da Ofertex. Como resolver este assunto?*

*Entendemos que para já a Junta de Freguesia de Fão devia mover uma acção em nome dos fangueiros, em nome do bem público, contra todos os proprietários de tinturarias clandestinas da terra. Se o não fizer, só prova que está mancomunada com eles. Por seu lado os fangueiros devem-se mostrar mais activos nas suas reivindicações. Veem-se povos que se insurgem quando os poderes públicos sancionam decisões que vão contra os seus interesses. Os fangueiros neste caso das tinturarias não estão a ser protegidos pelos autarcas que os elegeram. Quando assim é, o povo deve agir por seus próprios meios. Será que ainda há homens em Fão?*

## Tretas e Letras da Terra e do Mar

### Dos alunos da Escola Secundária de Esposende

O inquérito que acabámos de realizar é fruto duma pesquisa limitada a uma zona geográfica essencialmente povoada por pescadores-agricultores, com características comuns mas de certo modo distintas e que os diferenciam de outras zonas sócio-económicas também habitadas por pescadores mas que não são, como estes, lavradores.

Este Povo (1) «é limitado por duas manchas — a das areias e a da terra firme». Tem o mar e o rio Cávado não só como fronteiras mas também como base de apoio económico.

A fonte informativa para o inventário lexical dos termos usados quotidianamente quer na profissão quer nos utensílios que com ela se relacionam, a fonte informática, dizíamos, foi obtida junto ao mar, nos «moios» (2) onde dialogamos com os homens e mulheres que na apanha do algaço, argaço, ou sargaço (3) foram desfiando um rosário lexical desde o escaramujar (4) até ao estortar (5).

Só agora conhecemos muitos dos termos que já vão caindo em desuso motivados por novos contactos sociais, cultura já mais adiantada e progressos económicos.

As áreas abrangidas vão desde Aguçadoura passando por Apúlia até Fão, terras onde vivemos em comunhão com os homens que descobrem (6) terras, furam (7) o mar e amocham (8) a guita (9) que lhes dá o pão-nosso-de-cada-dia.

«Enquanto o pilado (10) na batata puxa rama o argaço puxa fruto (11)». Parte da população ligada «às areias» vive mal: É deficiente a alimentação — batelada (12) — e pobre o traje. Uma e outra consequência da misérrima remuneração do trabalho que também se reflecte na acanhada e desconfortante habitação.

(Continua no próx. número)

## Reuniões do Executivo Camarário

### Deliberações e Anúncios

De 19 de Jun.86

— Atribuído um subsídio de 22.500 à Delegação Escolar de Esposende destinado à realização da exposição integrada no projecto «sensibilização à Educação Pré-Escolar».

— Adquiridos 10 vidrões no valor de 450.000\$00 e já espalhados pelos pontos vitais.

De 11 de Jun.86

— Autorizada a aquisição de um reclame luminoso para Ofir no valor de 127.300\$00.

De 03 de Jul.86

— Concedido subsídio de 10.000\$00 à Cordenadora concelhia da DGEA para apoio à realização da exposição «Educação de Adultos caminha para o desenvolvimento».

— Adquirido um imóvel na R. 1.º de Dezembro com vista ao alargamento das instalações municipais por 5.000.000\$00.

— Adquirido um imóvel na freguesia de Gandra com vista ao Jardim de Infância da freguesia, por 2.700.000\$00.

— Foi deliberado proceder à venda em hasta pública dos lotes de terreno na zona de Expansão a sudeste de Esposende para construção de garagens ao preço-base de 100.000\$00.

— Foi deliberado proceder por administração directa da Câmara, à pavimentação do Caminho dos Lírios em Fão.

De 24 de Jul.86

— Foi decidido concordar com a proposta da Escola Secundária de Esposende que nomeia para seu patrono o Mestre Medina.

— Foi atribuído um subsídio de 170.000\$ ao Departamento do Judo da Associação de Desportos de Braga para o Estágio-Torneio Internacional de Judo a realizar em Esposende.

— Deliberado apoiar logisticamente e com cartazes a realização da Campanha de Sensibilização para a Defesa do Ria Cávado promovida pelo Centro de Animação Cultural «Espaço Livre».

## NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Dr. Armando Saraiva

Dr.ª Maria Emília Corte-Real

Tia Mariquinhas

Cecília Paixão Amorim

Dinis de Vilarelho

Sérgio Mendanha

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saraiva

José Augusto A. Nobre Madureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 — Fão

Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA

Praça João XXIII — Telef. 684318

4490 Póvoa de Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual . . . . . 500\$00

A cobrança de «O Novo Fanguelras através de «Os Correios» será por conta do assinante

# Dr. João Paulo Gomes homenageado

Uma comissão constituída pelos Dr. Juvenal Silva, Eng.º José Areias e Armino Duarte realizou no passado dia 29, um jantar de homenagem ao Dr. João Paulo Gomes, Presidente desde 1979 da Associação Desportiva de Esposende. Estavam presentes 79 pessoas, o que sensibilizou imenso o homenageado e homenageantes.

Também lá estivemos. Não como fangeiro, nem como Director de um jornal, nem como amigo do dr. João Paulo, porque na realidade só nos cumprimentamos, que nos lembre, duas vezes. Estávamos como munícipe.

O dr. João Paulo com uma carolice e teimosia desmedidas insiste em aguentar o Esposende na 3.ª Divisão Nacional e se possível guindá-lo à segunda. Claro que assim sendo, o Esposende não é já um grupo de vila, mas do concelho que, como disse o dr. Juvenal, vai das Antas a Apúlia. E as pessoas interrogam-se: será que Esposende tem capacidade económica e social para aguentar um clube na 3.ª nacional? Claro que tem e a prova é que a Associação Desportiva de Esposende milita nessa franja. Por que preço?

Uma equipa de futebol é hoje a expressão de capacidade económica do meio que representa. Isto significaria a existência de meia dúzia de carolas



capazes (financeira e socialmente falando) que suportassem essa responsabilidade e se revezassem no comando desse mesmo assumção. Ora com o dr. João Paulo, tanto quanto pressentimos, não se verifica nem esse roulement nem esse assumir de responsabilidades. Tanto quanto sabemos, ele está só nessa situação e por isso o dr. João Paulo Gomes personaliza a Associação Desportiva de Esposende. Claro que não está rigorosamente só, pois com ele estão os elementos da Direcção e pelo menos,

naquela noite encontravam-se lá 79 pessoas. Mas não é bem esse estar. *Estar*, neste caso significa saber que um terceiro divisionário movimenta um orçamento de 8 a 10 mil contos e tem coragem, força e relacionamento para desencantar essa verba. *Estar* significa ter confiança e robustez para enfrentar as renúncias; teimosia e capacidade persuasiva para dobrar os poderes constituídos e carisma para atrair e influenciar as multidões. *Estar* é essencialmente ser líder.

De longe e à distância deduzimos que o dr. João Paulo abrange esses atributos.

As pessoas que se esmeram, que se excedem no exercício das suas funções não necessitam de homenagens mas estimam saber, pensamos que sim, que o seu trabalho está a ser devidamente apreciado. E o seu sacrifício também.

Foi isso que lhe fomos dizer com a nossa presença muda na penúltima sexta. Foi isso que lhe disseram também com palavras expressivas o Eng.º José Areias, Luís Viana, Dr. Juvenal Silva e a Presidente Laurentina Torres.

Que esta homenagem desperte outras potencialidades, lance outros candidatos a Presidente pois o dr. João Paulo não pode ser o eterno sacrificado do sítio.

## O Mundo em que vivemos

### A barbárie dos nossos dias

Há coisas em que nos custa a acreditar. Coisas que se enquadram num passado longínquo, mas que são inadmissíveis no tempo actual, que nos repugna aceitar nos dias em que vivemos.

Mas as notícias estão aí, divulgadas pelos meios de comunicação, não deixando lugar a dúvidas.

Foi na Índia que tudo aconteceu: uma menina de 8 anos, ao regressar da escola, foi agarrada por homens que a conduziram a um templo onde, enquanto dois deles a seguravam, um terceiro lhe cortou a cabeça, que ofereceu à deusa Kali.

À mesma deusa foi sacrificado um jovem trabalhador agrícola, levado à força para o templo e aí decapitado, tendo igualmente a sua cabeça sido oferecida à deusa.

Para acalmar as iras da deusa Sambha Devi, foi também cortada a cabeça a um outro jovem.

Há ainda o caso de um rapazinho de 8 anos, esfaqueado até à morte perante a estátua da deusa Druga, para impedir que fantasmas assombrassem a casa onde foi consumado o sacrifício.

É cruel, e para além de cruel é absurdo, que, num país que se diz civilizado, que se interessa pela cultura e até pela energia nuclear, sejam praticados, em pleno séc. XX, sacrifícios humanos.

Como é possível que a superstição coexista com a ciência, que o obscuran-

tismo caminhe lado a lado com o progresso?

E — o que é ainda mais grave — dos quatro casos só no último é que a Polícia interveio, prendendo dois dos sacrificadores que, tudo leva a crer, serão punidos.

E os outros? Continuam impunes, livres para reincidirem na prática de ritos bárbaros, que a civilização já deveria há muito ter banido.

Resta-nos uma esperança: já que as notícias foram publicadas em jornais de Nova Deli, é possível que as entidades competentes tomem uma atitude firme, que acabe de vez com estas situações.

Só assim aqueles quatro corpos jovens e mutilados não terão sido sacrificados em vão.

E. Real

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»  
FÃO